

A

V

E

M

A

R

I

A





**PUBLICAM SUAS PROMESSAS E AGRADECEM
GRAÇAS RECEBIDAS:**

SÃO JOSÉ DO ALÉM PARAÍBA — D. Rosa A. de Lima e Silva, a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a São Rafael. — D. Maria do Carmo Herdi de Oliveira. — D. Flora de Oliveira, em favor de José e Sara.

PORTO NOVO — D. Maria do Céu F. de Melo, a São João Bosco. — D. Ambrosina Leite, em favor de Esaltina Souza Campos. — D. Zelina Pereira do Amaral, em favor de Bionor Barbosa do Amaral.

PIRATININGA — Srta. Balita Alves, em favor de Francisco Alves Pascoal. — D. Irene Sezualdo, em favor de Teodora. — D. Elvina Martins Fernandes, ao Imaculado Coração de Maria.

LIMEIRA — D. Rosa Georgetti, em louvor ao Beato Claret, pela saúde de seu esposo. — D. Laura Augusta de Almeida, ao Imaculado Coração de Maria, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ao Beato Claret, Sta. Teresinha e a Sto. Antonio. — Sr. Nocomedes Paes de Almeida, a São Braz. — Sr. Luiz Scartezini, em favor das Missões.

BRAGANÇA — Uma devota, a Nossa Senhora da Conceição, Frei Fabiano de Cristo, Nossa Senhora da Cabeça e São Francisco Xavier.

BOTUCATÚ — D. Angelina Rovai Bado, a São José e a Sta. Teresinha.

SÃO JOSÉ DO RIO PARDO — D. Anesia Noronha, em favor de João Carvalho. — D. Frosina da Silva, em favor de Efiginia Maria de Jesús e Antonio José Silva.

CAPIVARÍ — D. Maria Pacheco, em favor das almas mais aflitas do purgatório.

BARIRÍ — D. Amante Zaparoldi Venturini, a Sta. Luiza.

O SANTO DA SEMANA

JUNHO

DIA 15 — II Domingo depois de Pentecostes. — São Modesto.

DIA 16 — São Ciro. — São Francisco Régis. — São Beno.

DIA 17 — São Isauro. — São Manuel. — São Ismael. — Sto. Adolfo.

DIA 18 — São Efrem. — São Calógero. — Sta. Marina.

DIA 19 — São Gervásio. — São Protásio. — Sta. Juliana.

DIA 20 — Sagrado Coração de Jesús. — São Silvério.

DIA 21 — São Luiz Gonzaga. — São Martinho. — São Albano.

INFÂNCIA

*Aurora da existência, infância amavel,
Idade abençoada
Da mão que rege, que aviventá os dias,
Mimo da natureza,
Da cândida inocência bafejada,
Breve, mas linda flôr
Sôbre o gomo da vida despontada,
Infância! — oh meiga idade!*

GARRETT



Que menino cheio de vida!

Não parece o mesmo que, há somente alguns meses, estava fraco e doentio!

Antes, estava sempre cansado, não participava dos jogos ativos com os outros meninos, não tinha apetite! No entanto, desde que começou a saborear os alimentos nutritivos, como sopas, legumes cereais e pudins preparados com MAIZENA DURYEA, seu apetite aumentou consideravelmente.

Resultado: um menino sadio, feliz, cheio de energia. Compre MAIZENA DURYEA. À venda em toda parte.

MAIZENA DURYEA

Verifique
o nome DURYEA
e o acampamento
indio em cada
pacote.



MAIZENA BRASIL S. A. 36
CAIXA POSTAL, F - SÃO PAULO

27 Gratis! Remeta-me seu livro "Receitas de Cozinha"

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

AVE

REVISTA SEMANAL

MARIA

CATOLICA ILUSTRADA

ASSINATURAS:

Perpétua . . . 150\$000
 Ano . . . 10\$000
 Número avulso . . . \$500
 (Com aprov. eclesiástica)

RED. E ADMIN.:
 Rua Jaguaribe, 699
 Fone: 5-1304 - Caixa, 615
 OFICINAS: Rua Martin
 Francisco, 646-656

* As eleições da Igreja pela Igreja e não pelo elemento laico

A suficiência própria, não precisar de ninguém para sua vida: eis um ideal do homem moderno, ideal que se transforma em aspiração política, quando a todo o custo pretende e acredita ser soberano com a soberania do povo ao dar o seu voto nas eleições legislativas.

A suficiência absoluta é impossível, e pois todos reconhecem a necessidade do concurso alheio; assim a independência de todo poder alheio não passa de uma suave fantasia: os próprios soberanos dependem dos súbditos para a sua vida e para gerir a pública administração; e na ordem natural vemos a terra atraída e regulada pelo sol, assim como o rei dos astros só é rei na aparência, pois ele se acha incluído e arrastado na carreira acelerada das estrelas.

Porém, o orgulho de pretensos soberanos faz imaginar a muitos a posse de um trono deslumbrante com docel enflorado em arco de rosas de ouro, enfeitando a séde majestosa com o rei dos metais e a rainha das flôres, e aceitando a homenagem humilde dos seus semelhantes; mas já que essa côrte e soberania não pôde passar de sonhos irrealizáveis, querem se compensar ao menos com a contribuição de seu voto para as eleições de alguma presidência, à qual julgam-se com direito, e para as decisões de algum governo ou de qualquer associação.

Se se admite, porém, o direito de eleição popular para a constituição e regime da sociedade civil, não pode exigir-se como direito absoluto para a grande agremiação de ordem sobrenatural que é a Santa Igreja. Jesus a fundou e constituiu para o bem dos homens, mas também e principalmente para a glória e o serviço de Deus, e prossegue a sua conservação por meios superiores às forças naturais.

Jesús por si escolheu os Apóstolos que haviam de continuar a sua obra, e não eles a Jesús, como lhes disse ele mesmo, e lhes deu a missão de tratar da sua messe para que trouxessem fruto e para que êste fruto permanecesse. "Non vos me elegistis, sed ego elegi vos". Assim também para a continuação da mesma obra sobrenatural até ao fim dos tempos, os Apóstolos, e não o povo, elegeram os seus secessores, e pela imposição das mãos lhes dariam a missão e os poderes que para o bem da Igreja receberam de Jesús Cristo.

Disto dão testemunho os escritores eclesiásticos dos primeiros tempos, pois já Tertuliano, nos fins do século II da Igreja, assegura que até para conferir o batismo só tinha direito o sacerdote sumo, que é o Bispo; depois, os presbíteros e os diáconos, não, porém, sem a autoridade do Bispo.

E logo afirmando que os primeiros Bispos só foram eleitos pelos Apóstolos,

desafia os herejes no livro da Prescrição, e lhes diz: "Dêem-nos, pois, as origens das suas igrejas; examinem o catálogo dos seus Bispos de modo que o primeiro tivesse por autor e antecessor algum Apóstolo ou algum dos varões apostólicos que, porém, tivesse perseverado com os Apóstolos". Mostra logo que a igreja de Esmirna refere como São Policarpo, seu Bispo, foi estabelecido por São João, e a igreja de Roma publica que São Clemente foi ordenado por São Pedro, e que as demais igrejas dão testemunho de quem foi em cada uma constituído pelos Apóstolos, como transmissor da descendência apostólica.

No mesmo sentido, já pelo ano 180 e escrevendo igualmente contra os herejes, Sto. Ireneu, Bispo de Lião de França, mas educado em Esmirna por São Policarpo, e portanto testemunha certa das tradições da Igreja no Oriente e no Ocidente, diz também: "Aos que queiram vêr as cousas verdadeiras é patente em toda a Igreja a Tradição dos Apóstolos, manifestada em todo o mundo; e podemos enumerar aqueles que pelos Apóstolos foram criados Bispos e os sucessores dos mesmos até ao nosso tempo, mas seria longo enumerar os sucessores de todas as igrejas". E propõe dois exemplos: a Igreja de Roma, cuja administração foi entregue a Lino por São Pedro, sendo sucessores Anacleto e Clemente, e a de Esmirna, em que São Policarpo foi nomeado Bispo pelos Apóstolos.

A diferença que se acha respeito de Roma entre Tertuliano e Sto. Ireneu, deve-se a que o Santo Bispo de Lião esteve pessoalmente em Roma e pode informar-se melhor sôbre a sucessão dos Bispos romanos.

Prescindindo sempre da eleição popular, pois a presença do povo e o seu concurso para a eleição dos ministros sagrados foi sómente para a informação sôbre os idoneos, mais explícito foi São Clemente, Papa, que já serviu na igreja de Roma no tempos dos Apóstolos. Escreve assim aos Coríntios pelo fim do primeiro século: "Os Apóstolos foram feitos nossos prégadores do Evangelho pelo Senhor Jesús Cristo. Jesús Cristo foi enviado por Deus. Portanto, Cristo é por Deus e os Apóstolos por Cristo: e ambas coisas por ordem, pela vontade de Deus... Assim, pois, prégando a palavra pelas regiões e pelas cidades, tendo comprovado no espírito as suas primícias, estabeleceram os Bispos e os diáconos

daqueles que haviam de crêr. Também os nossos Apóstolos conheceram a contenda que havia de originar-se acerca do nome do episcopado; portanto, por essa causa, estando dotados de perfeita preciência, estabeleceram os preditos, e depois ordenaram que quando êles tivessem falecido, outros varões aprovados tomassem o seu ministério".

Esta prescrição, referida como testemunha por São Clemente, é conforme à ordem que refere São Paulo na sua epístola a Tito: "Eu te deixei em Creta para que estabeleças presbíteros pelas cidades, como eu já tinha disposto", sendo que no Novo Testamento os Bispos são também chamados presbíteros; êstes eram vários nas igrejas e entre êles eram escolhidos os sumos sacerdotes ou Bispos. Por isso, São Pedro, na primeira epístola, exorta e manda aos presbíteros, como se fossem Bispos: "Seniores (isto é, anciãos ou presbíteros), apascentai o rebanho de Deus que está convosco".

Mas o próprio São Paulo, como se diz nos Atos dos Apóstolos, cap. XIV, estabelecia (ordenava, segundo o texto grego) os presbíteros ou governadores em cada uma das igrejas. Assim também faziam os demais Apóstolos, segundo referem Sto. Ireneu e São Clemente nas passagens citadas anteriormente, sem que houvesse a tal eleição e voto popular; senão que assim como os Apóstolos foram eleitos por Jesús Cristo sem a prévia eleição e nem mesmo apresentação de ninguém, assim os Apóstolos escolhiam e ordenavam os sacerdotes e principalmente os Bispos, só requerendo, em alguns casos, a informação dos fiéis por atenção e por precaução, à imitação do que fez São Pedro em Jerusalem para a escolha dos primeiros diáconos.

Se a eleição popular para os cargos civis pode ser um belo ideal que, não obstante, apresenta na prática inumeráveis dificuldades para que seja acertada e para ser reconhecida como verdadeira e legítima, já nos grandes cargos eclesiásticos não pode reclamar-se como um direito, porquanto a Igreja tem o seu poder directamente de Jesús Cristo e não do povo, além de apresentar os mesmos inconvenientes que as eleições civis, sendo as consequências muito mais desastrosas por impedir o bem espiritual das almas a que se destinam aquelas dignidades e ofícios.

P. Luis Salamero, C. M. F.



Lições Evangelicas

II DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES

COMEÇAMOS no Domingo passado um novo período do ano eclesiástico, em que a Igreja escolhe, para nossa edificação, trechos dos Evangelhos onde brilham, em fulgurações de intensa beleza, as virtudes do Mestre divino e a sua doutrina salvadora.

No dia de hoje o Evangelho foi tirado do capítulo 14 de São Lucas.

Narra-nos o evangelista a parábola do grande banquete.

Corria o terceiro ano da vida pública de Jesús, quando foi invitado a ceiar por um dos mais graduados fariseus da Peréa, que assim dava mostras da proverbial hospitalidade oriental. Este não é o único caso que registam as crônicas evangélicas, em que Jesús se vê honrado com semelhante invitation.

Pela tardinha, dirigiu-se o Mestre para o soberbo palácio do magnata que o convidara.

Naquela hora amena, ao pôr do sol, quando as leves brisas do mar refrescavam o ambiente escaldado pela soalheira do dia, chegou Jesús ao lugar do banquete e deparou com a multidão de convidados, em visível azáfama para obter os primeiros lugares na mesa.

Dada a sua grande autoridade, já firmada pelo sem-número de prodígios que obrara e pela eminência da sua sabedoria, Jesús fez ouvir a sua voz e corrigiu aquele afan desmedido pela ocupação dos primeiros postos, dando uma severa lição de humildade àqueles convivas pouco conhecedores do bom-tom social.

Depois deste incidente, recostaram-se nos reclinatórios e começaram a ceia, saboreando as iguarias preparadas com esmero pelo mestre da arte culinária da suntuosa residência farisáica.

Jesús, que não perdia ocasião para instruir o povo ingrato de Israel, sobre o alto destino que lhe havia sido preparado por Deus, elevou os espíritos sobre as materialidades da mesa, narrando-lhes a seguinte parábola:

“Certo homem preparou um grande banquete e convidou muita gente. Chegada a hora da ceia, mandou seu servo dizer aos convidados que viessem, porque já estava tudo pronto. Todos, à uma, começaram a escusar-se. Disse o primeiro: Comprei um campo e preciso ir vê-lo: rogo-te que me tenhas por escusado. Outro disse: Comprei 5 juntas de bois e vou experimentá-los: rogo-te que me tenhas por escusado. Um terceiro disse: Casei-me, e portanto não posso ir”.

“Voltou o servo e referiu todas estas coisas ao seu senhor. Então, indignado, o pai-de-família ordenou a seu servo: Sai logo pelas ruas e becos da cidade e traze-me aqui os pobres e aleijados, os cegos e coxos”.

“E disse o servo: Senhor, está feito o que

mandaste, e ainda ha lugar. Disse o senhor ao servo: Sai pelos caminhos e cercados e força a gente a entrar, para que a minha casa se encha. Pois vos digo, que nenhum daqueles homens que foram convidados, provará a minha ceia”.

A aplicação da parábola é evidente e visa, em primeira linha, os grandes de Israel, que foram os convidados preferenciais, os primeiros, para entrar no festim do Evangelho.

Jesús, pessoalmente, os convidou e exortou o povo judeu a ingressar no reino messiânico, onde lhes estava preparado um banquete de eterna felicidade, mas os principes de Israel, os responsáveis pelo povo eleito, estavam obcecados pelo amor às riquezas, pelo brilho ofuscante das honras, pela inebriante sofreguidão dos prazeres e por isso desprezaram o meigo Profeta de Nazaret, escandalizaram-se dele e voltaram às suas maquinações de grandezas temporais, de glória terrena, de um triunfo militar que haveria de humilhar a seus pés todas as nações da terra.

Mas o banquete do reino dos céus está preparado desde toda a eternidade e Jesús envia seus servos primeiro aos filhos humildes de Judá e como estes não bastam para encher o vasto salão do festim celeste, envia mais operários evangélicos por todo o mundo, a todos os reinos da terra no decorrer de todos os séculos da história para a conquista das almas.

E os arautos do grande Rei continuam a sua missão de apregoar o festim do reino celeste.

Não nos escusemos pelo amor à honra, que passa como a nuvem que o vento leva, pelo apego às riquezas, que a traça devora, pela obsessão do prazer, que mancha a alma.

Lembremo-nos que a vida passa e que o banquete da glória celeste é eterno.

P. JESÚS MOURE, C. M. F.

★

População do mundo

Este mesquinho planeta que habitamos tem uma população de aproximadamente 2 bilhões de habitantes, dos quais os cristãos, com aproximadamente 700 milhões, representam o maior continente, que se subdivide, por sua vez, em 330 milhões de católicos, 230 milhões de protestantes e 145 milhões de ortodoxos. Quanto aos judeus, seu número ascende, segundo as últimas estatísticas, a uns 17 milhões. Sucedem aos cristãos, em importância numérica, os budistas, que somam 550 milhões, e os hinduístas com 240 milhões, e, finalmente, 55 milhões de adeptos das religiões pagãs mais diversas.

A virtude da compreensão

DESEQUILIBRADO o mundo pelo tufão da guerra, que vai despeçando, na sua violência, o trajeamento social e político das nações consideradas mais vigorosas, torna-se cada vez mais urgente o apelo à virtude da compreensão.

Compreender é ponderar para vêr bem; comparar razões para julgar melhor; buscar o sentido das realidades para salvar das ruínas acumuladas pela Desordem a Verdade ofendida ou abandonada.

Quando o orgulho dos homens levanta no ar a Torre de Babel, logo a confusão das línguas gera uma atmosfera agressiva, em que é fácil a explosão do ódio, com toda a teoria trágica dos seus flagelos. Para que se restabeleça a disciplina, é necessária a mútua compreensão de direitos e deveres, de que dependerá o respeito pelos valores humanos na perfeita subordinação aos valores eternos e divinos.

Compreender é realizar Evangelho, descendo ao fundo dos acontecimentos para não trair a sua direção e penetrando nas almas para salvar o ouro que trazem consigo, mesmo quando ha lama ou labaredas de inferno nas entranhas.

A falta de compreensão cria a desconfiança, o medo, o desejo de fuga, o espírito de ausência e de protesto.

O conflito dramático da hora presente, explica-o menos a ânsia de domínio do que o desdém das faculdades de entendimento. Regressasse a Europa aos caminhos sagrados da Caridade, que é a compreensão dos homens no amor de Deus, e a Paz voltaria, como o Anjo da Ventura, ao meio da terra apavorada.

A compreensão leva logicamente à solidariedade, como a falta de compreensão humana provoca o "insolidarismo total" da Revolução Vermelha.

Era por temer a incompreensão que o Padre Antonio Vieira dizia recear mais os juízos dos homens do que os juízos de Deus.

Compreendido por Jesús, salvou-se, na hora derradeira, o Bom Ladrão. Incompreendido pelo farisaísmo judaico, foi Deus condenado no Calvário.

A compreensão do relâmpago da Graça fez de Saulo o Apóstolo do Fogo. A maior parte das apostasias não virá da incompreensão da voz interior que Deus faz gritar sempre em cada consciência?

Os próprios acontecimentos históricos

precisam ser compreendidos, para os não deturpar a nossa visão apaixonada ou incompleta.

Por isso, devemos olhal-os no seu lugar e no seu tempo.

Quem não compreender os triunfos e as derrotas do Passado não compreenderá também as promessas e as anunciações do futuro.

A virtude da compreensão nunca teve atualidade tão flagrante. Compreender a guerra — êsse "fenómeno divino", de que fala Luis Veillot — não é sacudir os sacrifícios que ela implica, mas ser presente a todas as dôres que ela espalha. Não é ser espectador indiferente perante o incêndio, mas meditar cada um em si no quinhão de responsabilidades que cabe a todos.

Compreender a guerra é pensar sobretudo na paz e aproveitar todos os meios naturais e sobrenaturais para que, ao menos, se não verta inutilmente uma só gota de sangue.

C. da R.

Mãos vazias!

Quanta frivolidade predomina no espírito moderno da sociedade! Encontramo-la na conversação: já ninguém aborda nas reuniões ou na sociedade tema algum de interesse ou de fundo filosófico. E como haveriam de aborda-lo? Geralmente, os jovens nem sabem o que seja filosofia. Qual o tema de suas conversas prediletas? Assuntos práticos, sérios, científicos, instrutivos? Não nada disso; as conversações prediletas versam, comumente, sobre futilidades, jogos; namoros e outras tolices semelhantes.

E as mulheres? Que fazem as mulheres modernas no correr do dia? Levantam-se a uma hora cômoda, perdem duas horas ou mais na toilette, tomam uma pequena refeição e correm ao footing. A seguir, fazem visitas, jogam baralho ou vão ao matinée. À noite, mais duas horas consagradas à toilette e à pintura para o baile, o cinema ou o circo. E assim passam a vida. Poderá haver teor de vida mais vazio, mais frívolo? É difícil, para não dizer impossível.

Santo Deus! Muitas vezes penso nessas pobres almas que, ao se apresentarem um dia ao Juiz Supremo, hão de dizer-lhe: Senhor, venho com as mãos vazias; muito poderia ter feito pela minha família, pela minha alma, pelos pobres, pela sociedade, pois me destes saúde, riqueza e talentos...; por preguiça, vaidade e respeito humano nada fiz; trago as mãos vazias, completamente vazias...

Ó frivolidade, quantas almas arrastas ao abismo da perdição eterna!

Meu Cantinho

Santo Antonio

O TAUMATURGO

Um dos Santos mais queridos da boa gente brasileira é, sem dúvida, o glorioso taumaturgo Sto. Antonio de Padua.

É o Santo das nossas tradições, invocado nas famílias, festejado carinhosamente e... ruidosamente entre o povo.

É de se vêr como o povo gosta de Sto. Antonio!

E tem razão. Dentre os Santos é um dos mais extraordinários, e os que o invocam sentem o valor da sua intercessão junto ao trono de Deus.

Quero muito bem ao meu Santo Antonio.

É um taumaturgo admirável! E não ha por aí quem não lhe deva uma graça, um favor, uma cura, um prodígio. Santo prodigioso e simpático!

Santo Antonio é bem nosso. É uma devoção que nos legaram os portugueses desde os primórdios de nossa civilização. Não ha recanto deste Brasil imenso onde não seja invocado Santo Antonio.

A DEVOÇÃO

A devoção ao taumaturgo de Padua ou de Lisboa é das mais edificantes.

Gloria sanctorum imitatio eorum.

A glória dos Santos, dizia São Gregório, deve consistir principalmente na imitação das suas virtudes. Ora, que modelo não é Santo Antonio! Tão puro e angélico! Representam-no com o lírio nas mãos. É o simbolo da sua grande e admirável inocência. Viveu e morreu com a inocência do batismo! Modelo de pureza para a juventude. É um grande patrono da infância e da juventude. Uma das graças que pouca gente pede a Santo Antonio é a pureza. E éle, no entanto, é um modelo da virtude angélica!

A devoção ao Santo leva-nos à Maria Santíssima. Não foi Santo Antonio o cantor e o prègador de Maria?

Humildade, obediência, pureza, zelo apostólico, amor ao próximo e um amor ardente ao Senhor. Eis aí as suas virtudes. Por que não o imitam os devotos?

O MILAGRE

Foi o Santo chamado *martelo dos hereges*. Lutou pela defêsa da fé, confundiu os inimigos da Igreja de Deus, sustentou a fé. E muitos dos seus devotos não são capazes de um pequenino sacrificio para a salvação da própria alma! Envergonham-se da sua fé!

Conhecem, por certo, o milagre do Santissimo Sacramento.

Certo herege combate o dogma da presença real. Sto. Antonio o defende com ardor. O herege propõe: — *Si um burro faminto deixar a ração e adorar o Santissimo Sacramento, eu me converterei.* O Santo concorda. Aceita o

desafio. Em dia marcado, ante uma multidão, Sto. Antonio apresenta ao animal faminto e ante a ração, o Ostensório sagrado.

Oh! prodígio! O burro deixa o alimento e cai de joelhos e inclina a cabeça ao chão.

Milagre! clama o povo. O herege, confundido, se converte, e Jesús Sacramentado é adorado em triunfo.

Eis o prodígio. Agora, as lições. Hoje andamos numa época de incredulidade.

As igrejas vão muitas senhoras, doutores e moços educados e bonitos, e... diante do Santissimo Sacramento exposto, à hora da Comunhão, no momento da Consagração na Missa, à hora da Benção do Sacramento Augustissimo, permanecem de pé, firmes como a estátua de sal da mulher de Loth.

Implico-me com êstes grosseirões mal educados. São peores que o burro!

Desaforo! dirão alguns.

Não, absolutamente... Nada de desaforo.

Pois não houve um burro que caíra de joelhos e adorára reverentemente o Santissimo Sacramento do Altar?

Pois hoje aos burros de colarinho e gravata, nem Santo Antonio os fará ajoelhar e ter educação na igreja!

E como diz o vulgo: — *Nem Sto. Antonio!*

A SUPERSTIÇÃO

Os Santos populares são mais vítimas também das superstições populares.

Meu pobre Santo Antonio!

Ai! como desfiguram o vosso culto tão belo e edificante!

As mais estólidas crendices se colocam sob o manto do Santo de Lisboa!

Ha uma devoção Antoniana e muita superstição Antoniana.

Querem vêr algumas?

A devoção do *Sto. Antoninho* pequenino, de madeira, para se trazer na bolsa para chamar dinheiro ou encontrar com o namorado. Que profanação!

A devoção de amarrar Sto. Antonio de cabeça para baixo. Recurso das quarentonas desiludidas que o vulgo chama *galo de São Roque*. Por que não se resignam a ficar solteiras e trabalharem para a glória de Deus? Uma jovem pode fazer tanto bem no mundo como solteirona! Não é desdouro. Por que esta furia de casamento, a ponto de perderem o respeito aos Santos e profanarem ridiculamente o querido Santo Antonio?

Ha também a superstição de que imagem de Sto. Antonio para fazer prodigios e milagres ha de ser *roubada e enforcada!*

Isto não é grosseira e ridicula superstição, ou melhor, pura feitiçaria?

E sei de gente devota, católica de Sacramentos, que crê em absurdos deste quilate!

Ai! meu querido Sto. Antonio! Como profanam por aqui a vossa devoção!

P. Ascânio Brandão



Hino oficial do IV^o Congresso Eucarístico Nacional

(São Paulo 1942)

Letra do Rev^{mo} Pe. Dr. JOSÉ DE CASTRO NERY

Música de um servo do S. S. SACRAMENTO

Introdução ad libitum (1)

Allegro moderato

Estrilho com alegria
Bra - si - lei - ros! le - van -

(Todos) *ff*

temos nosso cântico jo - cun - do. Cris - to vi - ve V Cris - to

ff *cresc.*

rei - na V Cris - to im - pe - ra - ção do mun - do!

Allegro moderato

(1)
Outra introdução simples e breve (Harmonium)

Propriedade reservada

Cris - to rei na V Cris - to im - pe - ra em to do o mun - dol

Estrofes

(Solos) 1 Fi - lhos deũ - ma pa - tria li - vre V li - vres do bra' mos os joe - lhos

Pa - raõ Je - sus Te a - do - rar V So - le - ne - men - te a - fir - man - do V

Nos - sa fé V nos - sa es - pe - ran - ça no Sa - cra - men - to V do Al - tar

2ª estrofe:

Por nossos bens, nossa história
Por este solo bendito
Onde tivemos o ser
Por tudo quanto nos deste
Erguemos-Te nossos braços
E vimos-Te agradecer.

(repete o estribilho)

3.

Des pecados coletivos
Como dos particulares
Que Te causam tanta dôr
Queremos desagrar-Te
Protestar fidelidade
Trocando Amor por Amor!

(repete o estribilho)

Repete o estribilho
«Brasileiros»

4.

Todos nós enfim oramos
Por que a terra inteira tenha
Um só Pastor e um Redil;
E para que seja sempre
Forte unido independente
O nosso amado Brasil!

(repete o estribilho)

MELODIAS MARIANAS

PREÇO 20\$ (mais 1\$ pelo correio)

Administração da "Ave Maria"
R. JAGUARIBE, 699 — CAIXA, 615

MELODIAS MARIANAS, a Coletânea mais completa, util e variada em louvor de Maria Santissima.

É uma felicíssima combinação de simplicidade ingênua, de piedade comovente e duma arte toda distinção e elegância.

Imprescindível nas solenidades marianas.



Página amena

Pedro Rosalina

DAS minhas lembranças de sacerdote extrairéi uma historietta, em que tudo é verdade, menos os nomes que troquei, por delicadeza e discreção.

Dia de festa! Igreja repleta de gente pelas quatro da tarde, antes da procissão de Nossa Senhora. Calor respeitavel, mesmo num grão abaixo do Equador. Na atmosfera sufocante bailam ameaças de temporal, que atuam sobre o plexo nervoso.

A entrada do templo, fóra da grade da fila formam roda a carregadeira, os pais e os irmãos do neofito, um bebé rechonchudo, rosado e calado.

Faço as perguntas de estilo:

— Como chamam a creança?

— Pedro Rosalina.

— Pedro Rosalina? Impossivel! É homem ou mulher?

— Homem, senhor padre.

— Então, será Pedro, que Rosalina só cabe a meninas.

— No registro civil não houve dificuldade.

— Nada temos com lei civil ou escrivão. Muitos paes não aceitam designativo contraditório, igual a êsses dois a fazerem da pessoa homem e mulher.

Interveiu o pai com objeção séria:

— Vejo tantos padres aceitarem um João Maria, um José Maria, um Júlio Maria. E outros não se espantam com Maria José!

— Nossa Senhora constitue exceção, adotada pela tradição em todas as línguas. O mesmo não direi de S. Rosalina. Batizaremos o pequeno por Pedro, e basta.

O pai não insistiu. A mãe, porém, mais teimosa, interveiu energicamente, com ares que não hesitarei em qualificar de másculos.

— Será Pedro Rosalina, sr. Padre. Também os pais tem o direito de mandar.

O incidente não se aproximava do desenlace. Aos poucos, em redor de nós, adensavam-se fiéis atraídos pela discussão. Como sempre, alguns formavam ao meu lado, e outros torciam pelos pais, tanto é verdade que as opiniões variam de craneo para crâneo. E como a creança chupava socegradamente o polegar, nenhum rumor abafava o borbórinho das reflexões trocadas.

Situação embaraçosa! Sem perda do meu prestigio, não me seria dado aceitar o hibridismo da denominação. Por outro lado, não convinha eternisar um bate-boca, perante a assistência. Procurei, pois, um termo medio, uma sentença à Salomão, capaz de contentar gregos e troianos, pais e canones.

— Bem! O petiz, será Pedro na pia. Rosalina ficará como apelido, e constará no livro de assentamento como tal. Serve?

— Não havendo outro geito, disse a mãe num muchôcho.

Não era sem tempo! O batizando, cansado pelo calor, aborrecido pelo barulho, enervado pela demora, começou a bemolizar choradeiras, ritmadas com esperneios.

Terminado o rito sagrado, fomos à sacristia para o lançamento. Foi lá, longe do público metedico, que falei francamente, com a segurança que o direito me outorgava.

— Deviam designar a creança de acôrdo com o sexo. Aonde iremos parar, se cada qual se arroga o poder de dar nomes masculinos a meninas e femininos a rapazes? Não estão ouvindo, desde já, as troças provocadas pelo ridiculo dos apelidos?

A comitiva, não mais apoiada por gente estranha, conservou-se cabisbaixa. Pai, mãe, padrinho, madrinha, carregadeira e amigos faziam figura de culpados deante do juiz. Até a creança silenciara, como se quizesse que minhas palavras fossem percebidas por todos. E dentro de mim, a consciência de ter razão cutucava as reservas da ira, que as tolices me provocam sempre.

— Como foi que vos surgiu a lembrança de unirdes, lado a lado, dois inconciliaveis?

A pobre mãe, aliás simpática, enterrou a ponta do queixo no peito e baixou humildemente os olhos. Envergonhada pelo *pito*, deixou que duas lágrimas lhe emperolassem a face.

— Foi um romance, senhor Padre! Um romance que lemos, meu marido e eu. Um romance tão lindo e comovedor!

Aí está! Depois de causar estragos nas mioleiras, a literatura desassocega as sacristias! Um casal honrado, chegara a perfilhar, ao pé da pia, momices de plumitivo!

— Que titulo tinha o romance?

— Pedro e Rosalina. Obra prima, que lemos quando solteiros. Quasi foi causa do nosso casamento, pela semelhança de afetos que nos despertou. Aproximou-nos. Noivou-nos. E uniu-nos, porque tivemos o ensejo de realisar *ele* o papel de Pedro, eu a figura de Rosalina.

— Foi assim mesmo!

Qual protesto contra a violência absurda, Pedro Rosalina abriu de novo a boca num pranto imperativo, para mostrar que era homem, muito homem, homem como trinta.

Passados vinte anos desde a temivel controversia, encontro-me, de vez em quando, com o Pedro Rosalina, rapaz de destaque na sociedade. Conte-lhe, uma feita, o caso. O moço sorriu e, entre frases afetuosas para os pais, teve a bondade de segredar-me:

— Adoro meus *velhinhos*, porém, sem pedir licença, uso o nome de Pedro e deixo no cesto o de Rosalina.

Na verdade, mal inspirado andara eu, ao discutir com pais e padrinhos. Bastava confiar o caso à vida real, que se encarrega de aniquilar a romantica. Amanhã é o peor inimigo de ontem.

P. Dubois

Gripes e infecções intestinais

Diante de uma infecção gripal, não ha pediatra que não tenha recebido esta pergunta:

— “Mas, se eu trago o meu filhinho tão bem agasalhado, como se explica que êle apanhasse moléstia?”

Nos casos de infecção pelo grupo colifítico-disentérico, é infalível uma inquirição semelhante:

— “Se eu fervero tudo, como poderia o meu filho ter apanhado esta infecção?”

Vale a pena tentar responder a estas interrogações que martirizam o espírito de muitas mães dedicadas e dispostas a todos os sacrificios para manter sadios os seus filhos.

Um organismo em desenvolvimento não possui ainda, é claro, todas as suas funções completas. Só as terá assim, logicamente, quando tiver completo o seu desenvolvimento. Não são perfeitas, por outro lado, as correlações existentes entre os diferentes órgãos. As infecções gripais enxertam-se com mais facilidade em organismos que possuam maior sensibilidade às mudanças de temperatura. Os centros medulares, especialmente o centro que regula a temperatura orgânica, não funcionando com a necessária precisão, fazem com que as crianças sejam mais sensíveis do que os adultos às quedas da temperatura ambiente. Possuem elas, além disso, uma irradiação calorífica muito maior, relativamente, do que a do adulto, porque a sua superficie corporal, comparando-se com o peso, é extraordinariamente maior. É por esta razão que os recém-nascidos são sempre agasalhados com roupas de lã.

Deduzem muitas mães destes princípios que a criança precisa ser mantida em ambientes de temperatura pouco mutavel, trancada em quartos, e muito bem agasalhada. Qualquer que seja a estação, lá fica verdadeiramente segregada do meio ambiente.

Com esta prática impede-se, por falta de necessidade, o desenvolvimento rápido dos centros termo-reguladores. Outras mães existem que costumam banhar os seus filhinhos com agua muito quente, quando é coisa aceita por todos os pediatras que a agua do banho deve ser esfriada gradativamente depois do primeiro semestre.

As crianças, sem os seus meios naturais de defesa aptos para agir contra os golpes de calor e frio, encontram-se em condições excepcionalmente favoraveis para adquirir resfriados e infecções gripais.

Entretanto, é muito comum encontrarem-se sérias resistências no combate a estes erros higiênicos. Quem já não ouviu os protestos das avós contra o conselho médico de se manterem as crianças pouco vestidas nos dias quentes do nosso verão? Quem já viu aceita sem controvérsia a recomendação de deixar-

se a criança dormir ao ar livre durante os dias quentes?

Em relação à segunda pergunta, é preciso considerar que não é possível a profilaxia das infecções do tubo digestivo unicamente com a assepsia dos utensílios usados para a alimentação das crianças. Ferver os bicos e a mamadeira, não é suficiente para impedir que a criança apanhe aquelas moléstias.

Na agua do banho, nas cascas dos frutos que se dão às crianças para brincar; na lavagem das mãos das crianças com agua poluida, pode encontrar-se o motivo de uma infecção intestinal. Por outro lado, a fervura do leite, por ocasião de seu recebimento, não impede a sua poluição posterior, nas manobras para o preparo das mamadeiras? Com a mamadeira e o bico perfeitamente esterilizados, pode-se administrar leite contaminado. Quem não assistiu, por exemplo, ao resfriamento de mamadeiras debaixo de uma torneira de agua corrente, tornando possível a sua contaminação?

Bem se vê, que o assunto é muito mais complexo do que supõem muitas mães.

Dr. Arne Enge



Bom humor

AUTORIDADE NO ASSUNTO



— ...“e agora o coronel Guedes vai falar sobre abelhas...”

O Batista entra na sala trazendo uma bandeja com alguns copos dagua. Tem, porém, a infelicidade de tropeçar e um dos copos salta-lhe da bandeja e parte-se.

— Mais um copo partido! — limita-se a observar a dona da casa.

— É verdade, minha senhora, objeta êle; mas desta vez tive sorte, porque se quebrou só em três pedaços.

— E chama a isso ter sorte?!

— De certo! Bem se vê que a senhora não sabe o que custa apanhar os pedaços, quando são muitos.



Página Feminina

Ciumes infundados

agitação, embora continuassem cavadas. Depois, Luisa encaminhou-se para casa.

* * *

JUNTO da montra da joalheria, Luisa fitava os objetos expostos. Os seus olhos azues procuravam, cobiçosos, o lindo bracelete de topázios que tanto a atraira, quando, de súbito, o vulto dum homem, deixando o estabelecimento, lhe chamou a atenção.

— Oh, o Henrique! — murmurou Luisa com surpresa. — O que viria fazer aqui o meu marido? E êle disse-me que não regressaria à cidade antes do domingo da Páscoa!... E hoje é sábado...

Curiosa, a moça entrou na ourivesaria.

— O bracelete que me mostrou a semana passada... deixa-mo vêr? — pediu ao empregado que se aproximava, solícito.

— Ai, minha senhora! Acabou de se vender a um cliente que saiu ha apenas minutos! — respondeu o empregado.

— Lamento-o, porque, de fato, essa jóia interessava-me — volveu a juvenil senhora, passeando o olhar pelos mostruários.

E, ao encontrar-se de novo na rua, Luisa lembrava as palavras firmes do marido, quando, dias antes, aludira a essa jóia.

— Olha, Henrique — dissera ela, na sua voz mais terna — vem aí a Páscoa; e, se quizeses ser amavel para a tua mulherzinha, compravas-lhe um soberbo bracelete que tem o "Leitão". Era um bonito presente, não te parece?

— Deixa-te de infantilidades, minha querida. O orçamento monetário da nossa casa é reduzido. Bem vês que não permite a aquisição de jóias de valor. Sou um modesto engenheiro, sem colocação.

E, tocando-lhe no ombro, como se ela fosse uma criança, rematou:

— Uma lembrança, para se apreciar, não carece de ser despendiosa!

Luisa, agora, sentia-se fulminada pelo desespero que lhe rugia na alma. Tinha uma rival, não havia dúvida! E à outra podia o Henrique oferecer jóias caras! Ah, que infâmia! — murmurava a pobresinha. Mil pensamentos se entrecrocavam naquele cérebro. O ciúme envenenava-lhe a alma, que sangrava.

— Por quem me trocarias êle? — repetia-se, numa revolta surda.

Passando perto duma igreja, Luisa entrou. Queria rezar... rogar ao Senhor que aceitasse a dôr que acabava de desfazer-lhe a vida, em benefício dos pobres, dos desamparados...

E Luisa rezou. E enquanto dos seus lábios tremulos se evolvavam as orações, pareceu-lhe que a amargura que a amarfanhava ia cedendo a uma espécie de resignação toda feita de religiosidade cristã. As feições traíam menor

— Minha senhora — exclamou a criada vendo-a entrar. — O patrão já voltou da sua viagem.

— Eu sei... Já vi o sr. engenheiro.

E Luisa dirigia-se para os seus aposentos quando a criada, de novo, a abordou:

— É que o patrão entregou-me uma coisa para a minha senhora.

— Ah, sim!... — tornou com indiferença. — Deixa vêr.

A moça, ouvindo estas palavras, apresentou uma caixinha cuidadosamente embrulhada, em que se via um bilhete com êstes dizeres: — *Henrique a Luisa*.

Ruga profunda vincou a face da juvenil senhora que, a sentir de novo o ciúme a atormenta-la, ia pensando, enquanto tirava o papel do pequeno embrulho:

— Para a outra são os objetos de joalheria; para mim, a banalidade dum ovo de Páscoa!

E, esquecida da presença da serviçal, Luisa, não podendo dominar-se, pegou no ovo e arremessou-o com desespero para o chão.

— Ah, minha senhora, o que está a brilhar ali? — disse a criada correndo a erguer, dentre os fragmentos do ovo, um magnifico bracelete de topázios.

Luisa estava interdita. Um soluço escapou-se-lhe da garganta e, tremula, juntou as mãos, a agradecer ao Céu a fidelidade do marido. A presença daquela jóia era a confirmação do afeto que Henrique lhe tributava.

Depois, mal refeita ainda da emoção que prestes a vencera, Luisa, descobrindo junto dos pedaços do ovo uma folha de papel, abriu-a, agitada, lendo o seguinte:

"Minha mulherzinha: Ha dias respondi negativamente ao teu pedido; mas, graças à Divina Providência, a minha situação modificou-se. Não poderei dizer que estamos ricos, mas posso afirmar-te que entramos no caminho da fortuna. Sim, estou colocado definitivamente, como Diretor técnico numa fábrica de cortiça, tomando a direção dos meus trabalhos na próxima semana.

Nestas circunstâncias, tornou-se-me possível satisfazer o teu capricho — perdôas a expressão? — pois o meu vencimento é de 5 a 6 contos mensais.

Aqui tens, por conseguinte, dentro dum simples "Ovo de Páscoa", o bracelete de topázios que te encantava — lembrança deste Sábado Santo, em que as nossas almas, fundidas num estreito abraço, hão de sentir, de novo, o perfume de religiosidade desta palavra bem expressiva: Aleluia!"



INTERROGADO sobre a notícia relativa à transladação dos restos mortais da Princesa Isabel e do Conde D'Eu para o Brasil, o príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança assim se manifestou: "É muito possível que isso aconteça, uma vez que já houve um ato do Governo nesse sentido".

Os despojos acham-se em Dreuz, a 60 quilômetros de Paris, onde foram inhumados quasi todos os membros da família Orleans. E a opinião que prevalece nos círculos oficiais é de que o Governo desejaria aguardar uma melhora da situação internacional, uma vez que seria preferível o navio brasileiro atracar em Le Treport, na Mancha, em vista das dificuldades do transporte por terra através da França, Espanha e Portugal.

EM BREVE será convertida em realidade a padronização do nosso dinheiro-papel, determinada pelo Governo. O Diretor da Caixa de Amortização declarou já estar trabalhando no sentido de dar execução àquela determinação governamental, e acrescentou que a padronização abrangerá todas as notas, desde as de cinco mil réis até às de tres contos de réis, sendo que estas passarão a ter amplo curso. Serão bem reduzidas as dimensões do dinheiro-papel e terão as efígies dos grandes vultos representativos da cultura, da inteligência e da administração nacional.

Serão prestadas homenagens ao Presidente Vargas e ao Estado Novo; à imprensa, representada por Quintino Bocayuva, e ao Exército, na pessoa de Caxias; à Marinha, na pessoa do Almirante Barroso; à Ciência, representada por Oswaldo Cruz, e à Justiça, representada por Rui Barbosa.

O trabalho de recolhimento das notas antigas será feito pouco a pouco, metodicamente. As novas notas entrarão em circulação nos primeiros meses de 1942.

SEGUNDO INFORMAÇÕES DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, dois engenheiros patricios estão procedendo a estudos de uma reserva de bauxita, situada no município de Domingos Martins, distante 52 quilômetros da Capital do Espírito Santo.

SEGUNDO DADOS ESTATÍSTICOS DIVULGADOS, o movimento de telégrafos, serviço interior e exterior, do Departamento dos Correios e Telégrafos, tiveram desde 1935 a 1940 um número quasi sempre crescente de telegramas; em 1935 tiveram curso 9.869.882 telegramas, com 175.401.086 palavras, na importância de 39.507:321\$470, ao passo que em 1940 foram despachados 12.426.061 telegramas, na importância de 58.961:315\$020.

SEGUNDAS INFORMAÇÕES RECEBIDAS PELO ITAMARATÍ, o Cardeal Secretário de Estado do Vaticano reiterou ao sr. Hildebrando Acioli, embaixador do Brasil junto à Santa Sé, os agradecimentos do Papa ao governo brasileiro pelo simpático apoio dado às comemorações do 50.º aniversário da Encíclica de Leão XIII, "Rerum Novarum".

CONFORME DIVULGAÇÃO do Departamento de Fibras da Bolsa de Mercadorias de São Paulo, o técnico Benedito Novais Garcez descobriu uma planta nativa brasileira que substitue vantajosamente a juta indiana.

As experiências realizadas mostraram que a referida planta pode ser trabalhada com idêntica maquinária da juta, não necessitando qualquer modificação.

A Bolsa custeou as despesas da constituição de um campo experimental no município de Jaú, plantando 150 mil mudas que serão distribuídas com os agricultores.

A espécie referida dá produção anual, utilizando-se, ainda, o resíduo na forragem dos animais.

DIZEM DE MONTEVIDEU que foi aprovada na respectiva sub-comissão de conferência das Associações Americanas de Comércio e Produção, a proposta apresentada pela Argentina, para a adoção de uma "União Aduaneira" entre a Argentina, o Brasil, a Bolívia, o Chile, o Paraguai, o Perú e o Uruguai.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA assinou decreto-lei modificando a tabela dos quadros do Ministério das Relações Exteriores, afim de serem criadas algumas carreiras e outras ampliadas. Foi concedido também o crédito necessário para o provimento de 7 dos 15 cargos atualmente vagos e já existentes na carreira diplomática.

CONFORME O RECENSEAMENTO OFICIAL realizado no dia 1 de Abril do ano passado, a população de Nova York é de 7.454.995 habitantes, o que representa um aumento de 7,6% sobre o censo de 1930.

Incluindo a área novaiorquina em toda a sua extensão, com parte do nordeste do Estado de Nova Jersey, a população da grande cidade é quasi 12 milhões de habitantes.

SUA SANTIDADE, o Papa Pio XII, leu na festa de Pentecostes uma mensagem em celebração ao quinquagesimo aniversário da Encíclica "Rerum Novarum", de Leão XIII.

O Santo Padre, após ter agradecido à Providência que permitiu, por intermédio da rádio-telegrafia, dirigir-se diretamente a todos os seus filhos, prosseguiu sua oração, da qual merece se destacarem alguns tópicos: "As antenas da colina do Vaticano transmitem, apenas, palavras de conciliação.

Dirijo-me tanto aos amigos como aos inimigos, no objetivo de conduzi-los a todos aos pés do crucifixo. É somente em Cristo que se encontra a Verdade e o Amor. É somente em Cristo que se pode encontrar a salvação dos indivíduos e dos povos."

O Soberano Pontífice, depois de aludir a certos socialismos materialistas e aos excessos de liberalismo puramente econômico, lembrou as vantagens que as organizações sociais baseadas na Encíclica "Rerum Novarum" prestaram aos operários e suas famílias.

Biblioteca amena da "AVE MARIA" (49)

Luciano e Paulina

— Perdoa-me, querida, esqueci-me de tua generosa proibição.

E voltando-se para a doente, continuou:

Para tranquilisar o seu espirito e o seu coração, perante a imagem da Virgem SSma., perante o doce e meigo Jesús que sorri reclinado nas palhinhas, perante o Divino Crucificado que daquele alto volve para nós os seus olhos misericordiosos, eu lhe prometo que Alexandrina encontrará em mim o amor, os cuidados e a solicitude de um verdadeiro pai.

A doente sorriu, satisfeita, e tomando a mão de Luciano, levou-a aos lábios, depondo nela um ósculo que traduzia toda a sua gratidão.

Fizeram-se as despedidas. Joana cobriu de beijos e lágrimas a filhinha que não mais veria.

Paulina deixou a Irmã Teresa com grande pesar e saudade.

Dirigiram-se todos para a casa do Dr. Azevedo, onde tudo estava preparado para recebe-los. Depois da refeição, que decorreu no meio da mais franca e viva alegria, encaminharam-se para uma saleta, onde se achavam dispostos os presentes do noivado.

Até o Padre Pedro, que tudo repartia com os pobres, achára meio de oferecer uma lembrança à sua querida afilhada, que bem o merecia.

Paulina agradeceu, comovida, a delicadeza dos seus amigos.

É impossível descrever-se a alegria daquela boa gente. À Adelina parecia-lhe assistir a ressurreição de seu filho. Ha quanto tempo não via a alegria iluminar aquele rosto tão amado!

O Padre Pedro, Ana Maria e Inês, que haviam assistido os crueis padecimentos de Paulina, rendiam mil graças a Deus por vêr brilhar sua virtude e inocência.

Inês olhava para a noiva como se olha para uma imagem sagrada.

Cecy alegrava-se pela sua amiga.

O Dr. Azevedo sentia tanto prazer, como se os noivos fossem seus filhos.

Alexandrina divertia a todos com suas gracinhas ingenuas e inocentes. Acostumára-se a vêr sempre triste a mãesinha que adorava. Agora via a felicidade iluminar-lhe o lindo rosto, e isto enchia-lhe o coraçãozinho de alegria.

Daí a pouco o silêncio era absoluto. Todos dormiam placidamente.

Lá no hospital, a morte adejava em torno da pobre Joana.

A Irmã Teresa assistia os últimos momentos daquela que, em breve, compareceria perante o Juiz Supremo; a idéia de seu próximo julgamento não atemorizava a enferma. Uma grande placidez espalhava-se em seu rosto cadaverico. Cumprira o seu dever; portanto, tinha a consciência tranquila.

Com o crucifixo seguro em uma das mãos, acompanhava interiormente as orações pronunciadas pela Irmã.

Às quatro horas da madrugada exalou o último suspiro.

A Irmã Teresa deixou-a aos cuidados das enfermeiras e foi descansar um pouco.

Às 10 horas mandou avisar Paulina que Joana deixára de existir.

Luciano deu todas as providências para o enterro. Comprou uma sepultura perpétua, para que mais tarde Alexandrina pudesse visitar o tumulo de sua mãe. À tardinha foram todos acompanhar os despojos mortais da defunta à sua última morada. A filhinha, de coração meigo e sensível, chorou a morte de sua mãe, que apenas acabava de conhecer.

No dia seguinte, o Padre Pedro voltou para a sua freguezia. Embora houvesse deixado um sacerdote em seu lugar, não queria ficar por muito tempo longe de suas amadas ovelhas.

Ana Maria e Inês acompanharam-no. Tinham de preparar a casa que devia receber os noivos, daí a oito dias. Adelina iria residir com êles.

(Continua)

PÁGINA INFANTIL



(É proibida a reprodução desta página)

Aventuras do Bastião

(Continuação)

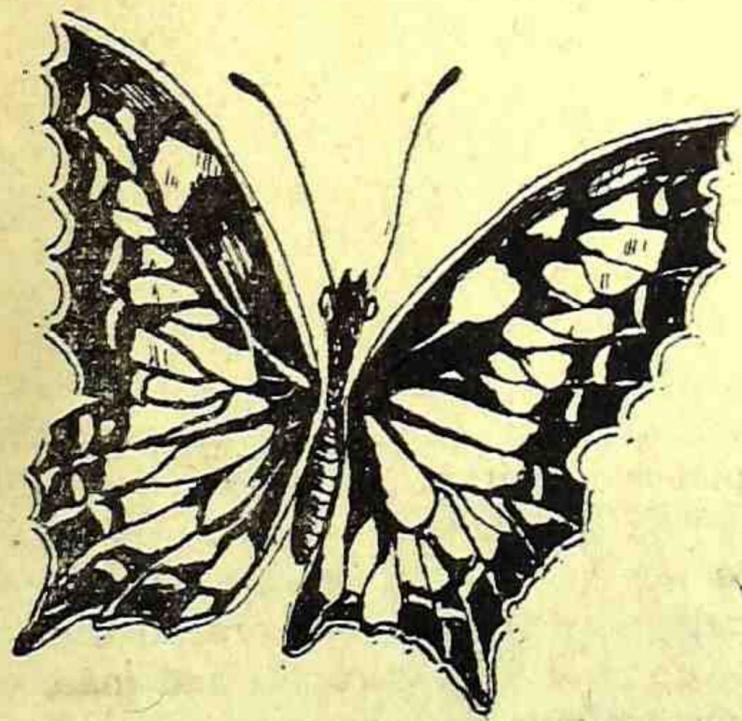
Os dois andaram, até chegar a uma encruzilhada.

— Agora, disse a borboleta, você continuará sósinho. Tenho uns negócios a tratar com a comadre coruja, que mora mais adiante. Tome por este atalho. Ande sempre, sem parar. Ao entardecer nos encontraremos...

— Mas eu posso me perder na floresta, dona borboleta! Não convem me deixar só...

— Que tolice! Isso não acontecerá! Você seguirá sempre direitinho... Lembre-se de que vou lhe mostrar o tesouro da floresta! Adeus, menino!

Bastião ia dizer qualquer cousa, mas a borboleta já voava longe.



O pretinho ficou só. A princípio teve vontade de voltar. Ainda podia vê-lo, lá ao longe, o telhado vermelho de sua casa, escondida entre a ramaria verde das árvores... Mas, depois pensou no tesouro da floresta e nas casas de chocolate...

— Ella disse que me levará nesse país maravilhoso. Não! Não voltarei!

Bastião poz-se a andar e, resolutamente, tomou pelo atalho que o levaria à floresta. À medida que se aproximava as árvores iam-se tornando gigantescas e, por vezes, se emaranhavam lá em cima, escondendo o céu azul.

Enquanto andava bem depressa, para não

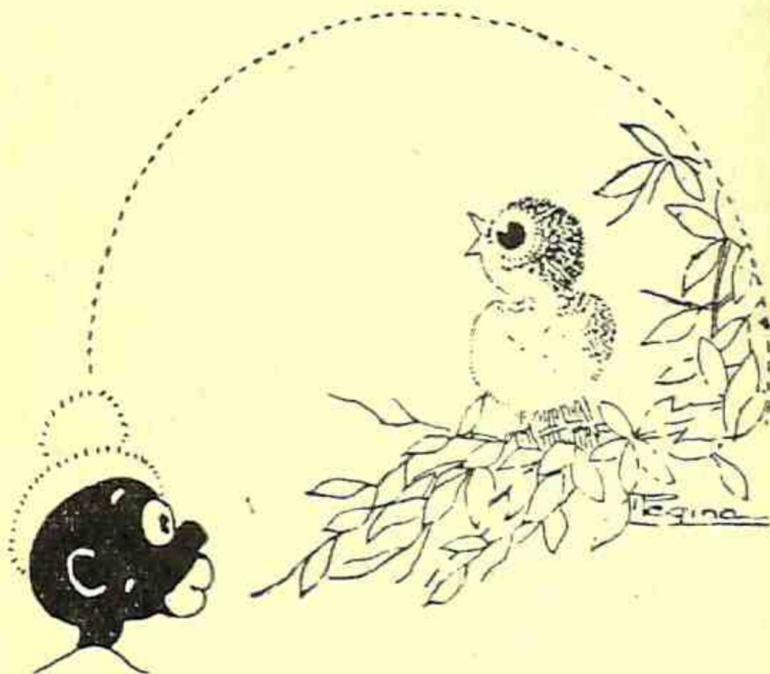
ouvir as batidas do seu coração, Bastião ia pensando que sem a luz do sol, a floresta deveria ser sombria e escura...

— Ah! si eu encontrasse alguém por aqui!

De repente, levantando os olhos, ele avistou no alto de uma árvore, um lindo passarinho.

— Bom dia, passarinho!

— Bom dia, menino!



— Você quer ir comigo vê-lo tesouro da floresta?

— Não posso. Tenho muito que fazer.

— Você também trabalha?

— Por que não? Preciso construir o meu ninho. E ha uma porção de cousas por fazer. Levantei-me muito cedo e ando à procura de galhinhos e folhas secas. Depois...

— Venha comigo, passarinho!

— Não posso.

— A borboleta me disse que ha um lugar onde as casas são de chocolate e eu vou lá...

— Não dê ouvidos à borboleta! É uma insensata! Volte para casa, enquanto é tempo.

— Mas eu não quero me cansar. Si volto para casa, terei que me levantar todos os dias muito cedo e precisarei estudar na cartilha...

— Tolinho! Por acaso você não se cansa, andando pela floresta?

— É verdade...

— Pense não que eu lhe disse. Adeus!

— Adeus! disse Bastião.

E num vôo largo o passarinho desapareceu.

Regina Melillo de Souza

(Continua)

Ótimos livros:

A LEI DE DEUS

Belíssima coleção de lendas, baseadas nos preceitos do Decálogo

333 páginas de leitura amena para centros de Ação Social

PREÇO: 5\$000
(Pelo correio mais 1\$000)

DEVOCIONARIOS ESCOLHIDOS PARA OUVIR BEM A SANTA MISSA

AVE MARIA 1\$500
MANÁ DO CRISTÃO . . . 4\$000
DEVOTO JOSEFINO . . . 4\$000
CAMINHO RETO 12\$000
MANUAL DO CRISTÃO
(com letra grande) . . . 15\$000
(Pelo correio mais 1\$000)

PARA PRESENTES

com encadernação de todo luxo

ANTE O ALTAR

de 20\$, 22\$, 25\$, 30\$ e 50\$000

Verdadeiro repositório espiritual de pensamentos eucarísticos, próprios para passar fervorosamente uma piedosa Hora Santa.

*

A venda na

ADMINISTRAÇÃO DA
"AVE MARIA"

Rua Jaguaribe, 699
Caixa, 615 — São Paulo

Imitação de Cristo

Acaba de sair do prélo a nova edição de ROQUETE, contendo as reflexões depois de cada capítulo.

600 PÁGINAS

BELA ENCADERNAÇÃO

PREÇO: 8\$000
(Pelo correio mais 1\$000)

Pedidos à

ADMINISTRAÇÃO DA
"AVE MARIA"

Caixa, 615 — São Paulo

CASA SANTO ANTONIO

de HENRIQUE HEINS

LIVRARIA CATÓLICA. — Fábrica de Imagens.
Oficina de paramentos e estandartes.

Grande sortimento de artigos religiosos em geral.
Vendas por atacado e a varejo.

Rua Quintino Bocaiuva, 76-A

São Paulo

Transferência de assinaturas

Pedimos aos srs. assinantes da "AVE MARIA" que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, bem assim como aos que nos enviarem cartas registradas com valor declarado ou vale postal, o obséquio de nos mandar, com toda clareza, as seguintes informações:

- 1) nome por estenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço para onde a Revista deve ser enviada.

VIDROS E VITRAES

Galliano & Comp.

IMPORTADORES

VIDROS PARA VIDRAÇAS EM GERAL

VITRAES ARTISTICOS PARA
RESIDÊNCIAS E IGREJAS

RUA LIBERDADE, 590 — FONE: 7-0544

S
A
O
P
A
U
L
O



O delicioso
creme de
cereais

ARROZINA

Cria os bebês
robustos

ARROZINA

Dá saúde e
beleza aos
bebês

ARROZINA

Engorda e
nutre os
bebês

— PEÇA AMOSTRA GRATIS À CAIXA POSTAL 847 —

RAIOS IRMAOS DO
COLLEGIO CORAÇÃO DE MARIA
CHACARA PARAIZO
RIO CLARO